



# CRISTOLOGIA

AULA 5



Prof. Robert Rautmann

## CONVERSA INICIAL

Sobre a morte de Jesus, surgiram, ao longo da história, diversas interpretações, algumas coerentes, outras dissonantes do conjunto das Sagradas Escrituras. Nesse acontecimento temos, de forma indivisível, o evento da ressurreição e a glorificação de Jesus Cristo. Dessa realidade transformadora, primícia de nossas próprias vidas, obtemos frutos de santificação, de vida nova.

### TEMA 1 – INTERPRETAÇÕES DA MORTE DE JESUS NA HISTÓRIA

Nas aulas anteriores, estudamos que a morte de Jesus está inserida, inseparavelmente, em sua vida. Precisamos, contudo, nos defrontar com as várias interpretações acerca de sua morte. Esse fato é, certamente, central à fé cristã; portanto, deve receber o máximo de nossa atenção.

Vejamos como o Catecismo da Igreja Católica apresenta essa intrínseca relação:

Toda a vida de Cristo é mistério de Redenção. A Redenção nos vem antes de tudo pelo sangue da Cruz, mas este mistério está em ação em toda a vida de Cristo: já em sua Encarnação, pela qual, fazendo-se pobre, nos enriqueceu por sua pobreza; em sua vida oculta, que, por sua submissão, serve de reparação para nossa insubmissão; em sua palavra, que purifica seus ouvintes; em suas curas e em seus exorcismos, pelos quais “levou nossas fraquezas e carregou nossas doenças” (Mt 8,17); em sua Ressurreição, pela qual nos justifica. (João Paulo II, 2000, n. 517)

Estamos diante do centro do anúncio querigmático da fé cristã. É a partir desse centro que a vida cristã deve se organizar. Na morte e ressurreição de Cristo, todos os cristãos e cristãs encontram o sentido de suas vidas. Isso é verdade para a organização da vida dos cristãos e cristãs; seria verdade, também, para o fazer teológico, para a teologia cristã? O próprio *Catecismo* confirma essa afirmação: “A fé pode, portanto, esforçar-se por investigar as circunstâncias da morte de Jesus, fielmente transmitidas pelos evangelhos e esclarecidas por outras fontes históricas, para melhor compreender o sentido da redenção” (João Paulo II, 2000, n. 573).

Nesta aula, iremos estudar as interpretações sobre a morte de Jesus ao longo da história e nos tempos atuais.



## 1.1 Jesus é rejeitado

Anteriormente, apresentamos textos referentes à condenação e morte de Jesus Cristo. Temos que os anciãos, considerados chefes dos judeus, os representantes do povo judeu de então, conspiraram para que Jesus fosse morto. As acusações que pesavam contra ele não eram poucas – blasfêmia e falso profetismo. Os gestos e a vida de Jesus deram margem à interpretação de que ele fosse um “criminoso religioso”.

Não devemos, contudo, atribuir ao povo judeu a culpa pela morte de Jesus, e sim à toda humanidade. O Evangelho de João reconhece que a recusa foi dada por toda a humanidade, das trevas que não suportaram a luz (Jo 1,5.10; 3,19; 7,7).

A rejeição a Jesus é responsabilidade de toda a humanidade, que de forma egoísta, autocentrada, ávida de poder e fechada em si mesma foi incapaz de perceber o gesto amoroso de Deus. As trevas resistiram à luz. As opções de Jesus em vida, como sua convivência com proscritos e marginalizados, provocaram uma reação de repulsa naqueles que não compreendem o agir de Deus em favor dos pequenos. Seus atos maus foram confrontados com a bondade irrestrita de Deus. Houve o anúncio da salvação, do amor, da bondade de Deus, mas o mensageiro foi morto, pois a mensagem contradizia as práticas de então. Em outra época, a reação seria semelhante.

## 1.2 Jesus se entrega pelos seres humanos

A entrega de Jesus nos é apresentada pelos textos bíblicos a partir de dois modelos: um, em que os poderosos da época buscavam um meio de apanhar Jesus; outro, em que Deus mesmo agiu segundo uma intenção predeterminada.

O texto de Atos dos Apóstolos, que resume o anúncio querigmático da comunidade apostólica, dá conta de que Jesus teria sido vítima de um conluio entre os representantes das nações da terra (cita Herodes e Pôncio Pilatos) contra Jesus, coligados com o Conselho dos judeus (cf. At 4,26-28). Os evangelistas apontam também essa perspectiva em determinadas perícopes, como é o caso da parábola dos vinhateiros homicidas contada por Jesus (Mc 12,1-9), além da comparação entre a sorte dos profetas e justos que precederam Jesus e a sua própria sorte (cf. Mt 23,29-36; Lc 11,49-51). Nessa concepção, a



cruz de Jesus Cristo é resultado direto da maquinação dos seres humanos contra o justo, pois não suportaram a manifestação de Deus. Somente a partir dessa ação humana Deus teria realizado a sua ação salvífica.

Outra perspectiva que se abre nos textos bíblicos é a que advém da compreensão pós-pascal.

Quando do julgamento e morte de Jesus, seus discípulos encontravam-se prostrados, por conta do grande golpe sofrido. Somente à luz da ressurreição a sua compreensão se volta para a cruz como parte da vontade salvífica de Deus. É a partir dessa ótica que os Evangelhos são escritos, e assim as perícopes explicativas do sofrimento a ser padecido por Jesus e o seu valor salvífico para todos repercutem nos textos (cfe. Mc 8,31; Lc 17,25; 22,37; 24,7.26.44). Os trechos bíblicos dão conta do mistério da vontade de Deus, que perpassa o ato iníquo da morte de Jesus.

Não se pode deduzir, contudo, que Deus tenha ensejado a morte violenta de Jesus Cristo. Entraríamos em um terreno bastante perigoso, do ponto de vista teológico, ao caracterizar a ação de Deus, que é Pai, segundo a própria revelação de Jesus, como sadismo de ver o Filho violentamente eliminado da Terra. A vontade de Deus era que o Filho fosse completamente solidário à espécie humana, inclusive em situações extremas, como diante daqueles que o queriam matar. O desejo do Pai era que, mesmo diante da morte, o Filho preenchesse com amor toda lacuna de ódio, dor, egoísmo e fechamento.

### 1.3 Qual a resposta de Jesus?

Ao longo da vida pública de Jesus, fica evidente o seu posicionamento ao lado da não-violência e da resposta de amor a atitudes de maldade. É seu o mandamento de que é preciso amar os inimigos e fazer o bem aos que odeiam (cf. Mt 5,43-45; Lc 6,27-35).

O mandamento de Jesus aos discípulos implicava que a contrapartida de uma atitude de ódio, de maldade, fosse evidenciada como o seu contrário, ou seja, amor, bondade (cfe. Lc 6,33). As ações de Jesus eram sempre concordes com as suas palavras. Assim, também, em seu momento derradeiro. Diante do panorama que se avizinhava, de tortura, seguida de morte violenta, qual deveria ser a atitude de Jesus? O mecanismo do mal era conhecido – a um ato de violência, deveria se seguir mais violência. Como Jesus interromperia o ciclo do mal, da violência? A resposta coerente seria oferecer entrega total, revelando de



forma extremada o amor de Deus pela humanidade – especialmente entrega àqueles que o queriam destruir.

#### 1.4 Morte sacrificial

Queremos compreender de que forma a morte de Jesus se torna salvífica. A concepção da morte de Jesus como “sacrifício” é uma das formas surgida para se entender este aspecto salvífico. Apresentamos a palavra *sacrifício* entre aspas para chamar a atenção ao vocábulo, que merece ser explicitado. A palavra pode ser entendida em dois aspectos:

- Algo que é sacrificado: o sacrifício é, nesse aspecto, um objeto passivo que sofre a ação da parte de alguém que o destrói, o consome.
- Uma ação de um sujeito que realiza algo em favor de si ou de outrem: esse ato tem em vista uma ação cültica religiosa que se propõe a mudar a posição de Deus ou de determinada divindade. Pode também significar uma ação que busca obter algo em seu favor, como quando dizemos, por exemplo, que “nos sacrificamos por nossos filhos”.

Jesus Cristo, como vítima, sofreu a destruição. Essa destruição, contudo, não foi oferecida a Deus por seus algozes, muito menos pelo próprio Jesus, como forma de aplacar uma suposta ira de Deus. Deus não precisava ser reconciliado conosco; a humanidade precisava ser reconciliada com Deus. A disposição de mudança deveria provir dos seres humanos em direção a Deus (cfe. 2 Cor 5,19). A lógica de um Deus que se satisfaz com sacrifícios ou que exige algo como troca por seus favores não deve contaminar a concepção cristã de um Deus amoroso que tudo oferece de forma gratuita. Esse amor desinteressado, solidário, foi manifestado por Jesus ao se tornar vítima da maldade. Em sua entrega, ele torna presente, mais do que nunca, o amor de Deus, buscando contrapor a agressão daqueles que o queriam destruído.

#### 1.5 Morte como expiação

O conceito de expiação compreende a ação em que alguém expia o mal cometido por si ou por outrem. Do ponto de vista religioso, a expiação, ao longo da história, era utilizada para se imputar um crime, um delito a determinado animal e, de forma cültica, sacrificá-lo. Dessa forma, o crime era absolvido (ou,



ao menos, afastado). O próprio livro de Levítico registra esse ato expiatório, por parte do Povo de Israel, como forma de se obter o perdão de Deus.

Jesus Cristo, em sua vida, sempre procurou se distanciar dessas práticas do templo. Em sentido contrário, em seu ministério e, especialmente em sua morte, oferecia o perdão e a reconciliação incondicionalmente. Diante da atitude de fechamento da humanidade, representada historicamente em uma situação concreta, Deus Pai ofereceu, em seu Filho Jesus Cristo, o perdão. Não se tratava de um “preço” a ser pago a Deus, mas é Deus mesmo quem se auto-oferece, de uma vez por todas e por toda a humanidade pecadora, que dele se afastou.

## TEMA 2 – TENTATIVAS ATUAIS DE INTERPRETAÇÃO DA MORTE DE JESUS

É tarefa do teólogo e da teóloga dialogar com os contemporâneos. A atualização do dado da fé é fundamental para que a teologia não se torne um conhecimento vetusto e fechado ao diálogo com os vários ramos do conhecimento.

Procurar compreender a dimensão salvífica da morte de Jesus Cristo faz parte do fazer teológico atual. Nessa seção, vamos abordar tentativas de explicar o sentido desse evento crucial para o Cristianismo e, é claro, para o próprio Jesus.

### 2.1 Solidariedade

De forma resumida, podemos dizer que essa reflexão propõe que Jesus Cristo tenha sofrido de forma solidária, até a Paixão, com os mais fracos e pecadores. Precisamos explorar o que significa o conceito “solidariedade”. Podemos compreender o termo de três formas distintas:

- União entre pessoas para um empreendimento, bom ou mau;
- Estar em relação um com o outro, desempenhar uma responsabilidade em conexão com outrem;
- Exercitar-se em favor de uma pessoa (ou situação) mais frágil. Tal compreensão nos interessa. Dizer que Jesus é solidário está em linha com esse significado.

Como já dissemos em outra ocasião, a vida de Jesus foi de entrega àqueles que eram marginalizados pela sociedade. Pela sua morte, Jesus se autoesvaziou completamente em solidariedade a todo gênero humano,



especialmente os menores. Essa solidariedade se expressou ao assumir, até as últimas consequências, o afastamento de Deus, que os pecadores experimentam em si.

Nem mesmo em sua morte Jesus se colocou em primeiro lugar, favorecendo aqueles que são objetos de seu amor. Nesse ato de entrega, vemos que Jesus sofreu solidariamente pelos desfavorecidos. Em seu empenho para que o amor de Deus fosse manifestado, e diante da atitude de fechamento por parte de seus inimigos, Ele mostrou-se solidário com todos aqueles que sofrem injustiças, revelando de forma dramática o seu amor a todos, inclusive aos inimigos (cfe. Lc 23,34).

Ao desejar participar de toda sorte da espécie humana, de forma solidária, Jesus mergulhou na miséria extremada da distância que nos separava de Deus, fazendo a experiência, em primeira pessoa, de suas consequências. “Na paixão de Jesus acontece a solidarização realmente quenótica (que se auto-esvazia) e não apenas docética (aparente) de Jesus e, nela, do Filho de Deus com os sofredores e pecadores” (Kessler, 2008, p. 379).

Ao experienciar a distância entre a humanidade e Deus Pai, o Filho preencheu esse abismo com o amor inimaginável do próprio Deus pela humanidade, possibilitando que cada ser humano pudesse realizar, por si, o mesmo percurso até Deus, solidarizando-se, também, com os mais fracos e até com os seus inimigos.

## 2.2 Representação de um por muitos

A representação, do ponto de vista jurídico, exige um tipo de contrato e formalização para que alguém seja autorizado a realizar atos em nome de quem é representado, como se ele mesmo o fizesse.

Ao afirmar que Jesus nos representa em sua morte, não podemos confundir esse tipo de representação com aquela que Ele realizou diante do Pai. Sua representação não subtrai a minha própria participação. Ainda que Jesus tenha sofrido sua morte nos representando, não estamos livres de continuar passando pelo processo de sofrimento e morte. A morte de Jesus não foi um tipo de pagamento feito a Deus, que nos livrasse do sofrimento pessoal. Porém, todo aquele que aceita a atitude de entrega que Jesus realizou na cruz de forma extremada, é reconciliado com Deus e ressignifica, em suas próprias vidas, o mal, o pecado, o sofrimento e a morte.



E o que fez Jesus ser o nosso representante? Podemos dizer que sua representação (na vida e na cruz) se dá em dois momentos. Um momento exclusivo, em que Ele realiza essa representatividade de forma singular e individual, e um momento inclusivo, em que todos os seres humanos são convidados a participar.

Visto que em sua vida e sua morte Jesus é o ser humano verdadeiro, que corresponde inteiramente a Deus, sendo, portanto, em seu relacionamento com Deus e os outros, o protótipo do ser humano como tal, ele representa em si todos os demais seres humanos, não como eles sempre são, mas como ainda deverão tornar-se; afinal, todos deverão conformar-se à sua imagem, e deverão fazê-lo através da comunhão com ele (“por meio de”, “em” e “com” Cristo). (Kessler, 2008, p. 380)

### TEMA 3 – RESSURREIÇÃO E EXALTAÇÃO

A morte violenta de Jesus mergulha seus discípulos em uma profunda prostração e sentimento de descrédito. Como poderia o Mestre ter sido esmagado pelo poder da morte? Como Deus permitiu que seu eleito fosse derrotado? Como compreender qual seria a vontade de Deus em tempos de tamanha aflição?

Não sabemos o que ocorreu nos momentos subsequentes à execução de Jesus. Pelos indícios que os evangelhos nos apontam, certamente os discípulos teriam fugido ou se escondido, com medo de sofrerem sorte semelhante.

Houve, porém, um acontecimento fundamental, posterior à morte de Jesus, que fez com que esses mesmos discípulos se reunissem em Jerusalém e dali partissem para anunciar que aquele que estava morto agora está vivo! Eles utilizaram a expressão “Jesus está vivo” e, ainda, “Deus ressuscitou Jesus”.

A ressurreição é parte constitutiva do querigma apostólico, desde o princípio. Os textos bíblicos dão conta da mensagem que os discípulos de Jesus se utilizaram para demonstrar sua fé na ressurreição (Rm 4,24b-25; 14,9; 1 Cor 15,3-8; 2 Cor 13,4; 1 Ts 4,14; 1 Pd 1,3).

Os textos citados e muitos outros sintetizam a mensagem que corria por toda a Palestina de então e, mais tarde, por todo o Império, desde a metade da década de 30, entre os cristãos conhecidos como da primeira geração. Duas palavras gregas eram utilizadas para tentar transmitir essa experiência da ressurreição que, em si, é inenarrável: *egeirei* (que tem o significado de “levantar”, sublinhando o despertar do sono da morte) e *anastasis* (“colocar de pé”, significando a ação de Deus que “levantou” Jesus do *sheol*). Os termos





queriam apresentar a convicção, primeiramente, de uma ação de Deus sobre Jesus e, em seguida, de Jesus que teria morrido e ressuscitado.

Ao mesmo tempo em que se anuncia a ressurreição de Jesus, celebra-se esse acontecimento de forma cúlrica e litúrgica. Entoam-se cânticos de louvor a Deus, que glorificou Jesus, que o exaltou, o constituiu Senhor (e outros semelhantes).

O que significa dizer que Jesus ressuscitou (ou foi ressuscitado)?

Primeiramente, deve-se dizer que foi algo que aconteceu à pessoa de Jesus, o mesmo Jesus que havia sido torturado e crucificado imediatamente antes. Não se deve pensar que esse evento é fruto da imaginação dos discípulos, uma fantasia, uma elaboração. Houve um fato real. Assim como a crucificação.

Posto isso, deve-se compreender, ainda, que não se trata de uma reanimação ou, ainda, de um retorno à vida biológica. Jesus ao ressuscitar não voltou, simplesmente, à sua vida humana normal, tal como relatado pelos evangelhos em relação a Lázaro ou aos demais que Jesus trouxe à vida.

O acontecimento da condenação e morte de cruz foi um fato totalmente inesperado para seus discípulos. Diante de uma realidade tão inolvidável e dramática, obrigou os cristãos a relerem as Escrituras a partir dessa perspectiva. Podemos dizer o mesmo em relação à ressurreição. É ela quem chancela a afirmação de que Jesus era o enviado de Deus; assim, a partir dela – como fundamento e no curso cronológico – os discípulos de Jesus iriam compreender a sua vida e missão.

Precisamos, ainda, analisar dois elementos que compõem os relatos da ressurreição.

### 3.1 Túmulo vazio

A passagem mais antiga acerca do túmulo vazio se encontra em Mc 16,1-8. Os textos paralelos, de acordo com os exegetas (Mt 28,1-7; Lc 24,1-11 e Jo 20,1-10), têm em Marcos a sua influência.

Devemos apontar, de início, que o sepulcro vazio, enquanto tal, não é prova, em absoluto, da ressurreição de Jesus. Mesmo textos bíblicos colocam esse fato em questão (Mt 27,64; 28,13.15b; Jo 20,13b.15b).

Ainda que os textos dos evangelhos sejam tardios em relação aos fatos passados em Jerusalém (estamos diante de textos da década de 70,



aproximadamente), os especialistas concordam que é um desatino pensar que os primeiros cristãos teriam pregado a ressurreição de Jesus se o cadáver estivesse na tumba. Pagola, por exemplo, sublinha a impossibilidade histórica de uma conclusão irrefutável. O autor ainda trabalha com os relatos do sepulcro vazio (especialmente o texto de Marcos):

O que podemos dizer é que o relato não faz senão expor de maneira narrativa o que a primeira e a segunda geração cristã já vêm confessando: “Jesus de Nazaré, o crucificado, foi ressuscitado por Deus”. Concretamente, as palavras postas na boca do anjo não fazem senão repetir, quase literalmente, a pregação dos primeiros discípulos. É outra maneira de proclamar a vitória de Deus sobre a morte, sugerindo de maneira expressiva que Deus abriu as portas do sheol para que Jesus, o crucificado, possa escapar ao poder da morte. Mais do que informação histórica, o que encontramos nestes relatos é pregação dos primeiros cristãos sobre a ressurreição de Jesus. Tudo leva a pensar que não foi um sepulcro vazio que provocou a fé em Cristo ressuscitado, mas o “encontro” vivido pelos seguidores, que o experimentaram cheio de vida depois de sua morte. (Pagola, 2012, p. 512-513)

### 3.2 Narrativas de aparições

O encontro do Ressuscitado com os seus discípulos (seja individualmente, seja em grupo) é um acontecimento que transformou radicalmente as suas vidas. Todo o Novo Testamento aponta para essa experiência reveladora e renovadora que o grupo dos seguidores de Jesus experimentou. Textos mais antigos utilizam o termo *ophthe*, ou seja, “ele se deu a ver” ou “ele apareceu” diante de Cefas, dos doze, dos quinhentos etc. (1 Cor 15,3-5.6s).

Certamente que os textos que narram as aparições de Jesus são tentativas posteriores de explicar a experiência pascal vivenciada. O termo citado anteriormente (*ophthe*) quer evidenciar que se trata de outra coisa que não uma visão profética ou apocalíptica, mas sim uma manifestação da presença salvífica de Deus. Os textos em questão destacam que a presença do crucificado foi efetivamente viva e pessoal:

A aparição e presença de Jesus a partir do poder de Deus implicavam para os discípulos – em evidência imediata (e não só numa reflexão posterior) – que ele fora ressuscitado e exaltado dentro do poder vital e ativo de Deus. A partir desse poder ele pode – como o próprio Javé invisível – fazer-se presente (aparecer) de maneira reconhecível e ter testemunhas. Nas revelações pascais, portanto, revelaram-se a ressurreição/exaltação e a presença de Jesus. (Kessler, 2008, p. 263)



Interessante notar que, no momento da redação dos evangelhos, já tínhamos cristãos que não tinham sido testemunhas originais das aparições de Jesus. Alguns personagens carregam, portanto, as questões que eventualmente se interpunham à época – como a dúvida de Tomé, o luto e a incompreensão de Madalena, os debates levantados pelos peregrinos de Emaús. A esses “novos” cristãos era assegurada a possibilidade de crer no Ressuscitado por meio da ceia do Senhor, da reunião em comum, e por intermédio das Escrituras.

Aquilo que se realizou em Jesus consideramos como primícias da humanidade. A ressurreição de Jesus se torna certeza, para nós, de que também seremos acolhidos pelo Pai. Ainda que seja necessário passar por sofrimentos e até pela morte, poderemos realizar uma entrega confiante nas mãos do Pai.

## TEMA 4 – JESUS E AS RELIGIÕES DO MUNDO

O título do quarto tema desta aula é bastante ousado. Contudo, o que desejamos é conhecer um pouco melhor como a pessoa de Jesus de Nazaré é (ou foi) recebida por algumas religiões ou grupos étnicos ao longo da história. Entender melhor essa relação nos ajudará a aprofundar determinados pontos da cristologia.

### 4.1 Contexto da África negra

Quais são as possibilidades de realizar, no continente africano, com suas particularidades, o anúncio do Evangelho e, particularmente, da pessoa de Jesus Cristo? Ambrose (citado por Hovland, 1993, p. 214) se refere à cristologia africana como “uma tentativa de traduzir a mensagem de Jesus por meio de formas de pensamento que a África achará relevantes e significativas”. Desse mesmo artigo temos a definição de Kurewa (citado por Hovland, 1993, p. 214): “A teologia africana [é] o estudo que procura refletir sobre e expressar a fé cristã em idiomas e formas de pensamento africanos tais como são experimentados nas comunidades africanas, estando sempre em diálogo com o resto da cristandade”.

Em uma cristologia de viés africano, procura-se atribuir a Cristo algumas funções ou títulos que estão de acordo com a cultura em questão, por exemplo: Ancestral, Chefe, Mestre, Curador (ou Curandeiro). Vejamos como.



Jesus Cristo é visto como o ancestral por excelência, também chamado de “proto-ancestral”. Em Jesus Cristo, manifestam-se de forma perfeita todas as virtudes e qualidades que os ancestrais tementes da Deus buscaram. “Depois de ter falado muitas vezes através dos ancestrais, Deus fala por meio de seu Filho (Hb 1,1s), o primogênito de toda a criação e primogênito dentre os mortos (Cl 1,15.18), o proto-ancestral universal: ele torna-se modelo e verdadeiro mediador da vida” (Kessler, 2008, p. 343).

Como Chefe (ou como cacique), Jesus Cristo encarna a perspectiva do chefe de clã, que é reconciliador de todos e generosamente conduz o seu povo (seu clã, sua tribo). Claro, existe o risco de confundir essa semelhança com o chefe a partir de uma concepção hierarquizada ou de desmando – ou, pior ainda, um Cristo conquistador que é um guerreiro em busca de povos a serem subjugados.

A noção de Cristo como Mestre identifica-o como aquele que realiza a iniciação de cada crente por meio de seus mistérios de vida, sofrimento, morte e ressurreição. É Ele quem nos apresenta os verdadeiros valores da vida, com o seu novo mandamento – amar a Deus e ao próximo.

Na perspectiva daquele que cura, ou o Curador (ou Curandeiro), Jesus Cristo está ligado ao mundo dos curadores africanos, pois se conecta por meio de suas ações salvíficas de cura. Essa visão não pode se restringir apenas a curas desconexas de toda a missão salvadora, que inclui, necessariamente, uma libertação completa do ser humano, inclusive de toda forma de opressão – seja dos conquistadores, seja das ditaduras estabelecidas em solo africano.

## 4.2 Contexto hinduísta

Inicialmente, devemos nos recordar da Declaração Nostra Aetate, promulgada durante o Concílio Vaticano II, que deu orientações precisas acerca das relações do cristianismo em geral com as várias religiões. Dela temos que a Igreja “nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo” (Vaticano, 2001).

Segundo o teólogo Aloysius Pieris, jesuíta que habita em Sri Lanka e procura relacionar a visão hinduísta com o cristianismo, não houve interesse, por parte do cristianismo, nos valores da cultura asiática. Essa afirmação está amparada, igualmente, pela constatação de que o continente asiático se encontra, ainda, impenetrável ao cristianismo. O teólogo compreende que aquilo



que é próprio do cristianismo, e que pode ser compartilhado com outras religiões, é a sua aliança irrevogável com os pobres. A cristologia, portanto, se torna nesse aspecto uma cristologia da aliança.

Na cristologia de Pieris houve um deslocamento de acento na concepção da unicidade de Jesus: do acento posto em que Jesus é o único Salvador e o Filho único de Deus ao acento que se põe em que Jesus é único enquanto ele convida a compartilhar o amor especial de Deus pelos pobres de todas as religiões, manifestado na aliança irrevogável concluída na cruz do Gólgota. (Hurtado, 2008, p. 327)

### 4.3 Contexto chinês

Nesse contexto, a religião é profundamente ética, voltada para as questões do mundo. Com uma visão pragmática e antropológica, traz orientações para as situações próprias do ser humano, como família, trabalho, sociedade, cuidado com a terra etc. As religiões tradicionais consideradas nesse quadro são o Budismo, o Confucionismo e o Taoísmo, e o que se conhece por “Religião Tradicional Chinesa”.

A Declaração Nostra Aetate aborda o Budismo:

segundo as suas várias formas, reconhece-se a radical insuficiência deste mundo mutável, e propõe-se o caminho pelo qual os homens, com espírito devoto e confiante, possam alcançar o estado de libertação perfeita ou atingir, pelos próprios esforços ou ajudados do alto a suprema iluminação. (Vaticano, 2001)

A relação da cristologia com a compreensão religiosa no contexto chinês pode ser resumida em dois pontos:

- Segundo o teólogo Choan-Seng Song, presbiteriano, a China carece de elementos que verifiquem a proximidade de Deus em relação aos seres humanos. Assim, é essa dimensão que a vida de Jesus pode apresentar – como aquele que teve a sua vida totalmente orientada para Deus. Em Jesus, todo ser humano pode experimentar essa relação e ter a sua vida reorientada. Ainda nessa perspectiva, o amor que sofre, manifestado em Jesus Cristo, pode ser identificado como o amor supremo do ser humano, uma vez que é comum aos chineses reconhecer, no amor dolorido (como da mãe), a máxima expressão de amor.
- Para o teólogo católico Chang Ch’un-shen, Jesus Cristo representaria a unidade entre o céu e a terra, simbologia marcante para o diagrama do mundo segundo a visão taoísta.

#### 4.4 Contexto muçulmano

As raízes religiosas do Islã o aproximam do cristianismo. Não nos deteremos em apontá-las, uma vez que esse trabalho foge ao nosso escopo. Queremos apenas acenar, mais uma vez, para a Declaração Nostra Aetate, quando menciona o Islamismo e, particularmente, a pessoa de Jesus Cristo: “Embora sem o reconhecerem como Deus, veneram Jesus como profeta, e honram Maria, sua mãe virginal, à qual por vezes invocam devotamente” (Vaticano, 2001).

Evidentemente, a dificuldade maior na relação entre as duas maiores religiões é a forma como cada uma vê a pessoa de Jesus de Nazaré. Para a concepção islâmica, trata-se de um grande profeta, mas nada mais do que isso. Sua divindade é totalmente contestada, pois creem que o monoteísmo que professam não admite qualquer tipo de insinuação de outra divindade; portanto, negam veementemente o dogma trinitário (ainda que professado por nós como um só Deus em três pessoas).

O Corão cita o nascimento virginal de Jesus, de forma miraculosa – Suras 3 e 9. Ele também é visto como um profeta que realizou milagres – Sura Ma’ida 5,109-110.

#### 4.5 Contexto judeu

De início, é importante recordar que grande parte da revelação cristã é compartilhada com o povo judeu. O parágrafo quarto da Declaração Nostra Aetate desenvolve os pontos em comum entre as tradições cristã e judaica. De fato, o ponto de maior união e afastamento é a pessoa de Jesus Cristo. No passado, aconteceram muitos desencontros entre o Judaísmo e o Cristianismo, que a própria declaração faz questão de frisar. Reprova, contudo, qualquer perseguição e ódio contra o povo judeu, em qualquer tempo, recomendando conhecimento e estima mútuos, além de um fecundo diálogo fraterno.

Os estudos de “Jesus judeu”, realizados por inúmeros especialistas, retomam as perspectivas da condição judaica de Jesus, no contexto do primeiro século, bem como no da primeira comunidade cristã. Esse século, propriamente, é fundamental para a compreensão da interpretação bíblica que influenciará os séculos seguintes.

## TEMA 5 – FRUTOS DA REDENÇÃO

A morte de Jesus Cristo se deu por todo o gênero humano e, também, por cada um desses seres humanos. A ação de salvação que cada um recebe acontece por intermédio da ação do Espírito Santo. A liberdade humana, dom de Deus, pode inclusive resistir ou recusar essa graça.

A esperança de salvação foi sendo fomentada, na história do Povo de Israel, por meio de seus profetas, que anunciavam uma Aliança nova e definitiva que Deus faria com a humanidade. Esse mesmo povo manteve firme a sua esperança, por meio do testemunho de homens e mulheres, sobretudo de pobres e humildes.

Na plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), Deus manifestou plenamente seu desígnio salvífico pela encarnação de Seu Filho Eterno. Assumindo a natureza humana, com todas as suas vicissitudes, limitações, desafios, Jesus Cristo reafirmou, em Si, essa Aliança de Deus com a humanidade, por meio de uma vida de entrega radical, chegando ao extremo de morrer na cruz. O Pai atestou a eleição que fizera sobre o Filho e o ressuscitou, libertando-O das garras da morte. Esse é o Mistério Pascal, que alcança todos os seres humanos, de todos os tempos, sem exclusão (cf. Catecismo n. 605).

A graça salvífica de Jesus Cristo chega até nós, por meio da Igreja, seu Corpo Místico. Ela é chamada, justamente, de “sacramento universal de salvação”. Certamente, o efeito imediato dessa graça obtida por Cristo é a possibilidade de nos reconciliarmos com Deus. E mais: de estabelecermos um vínculo de amizade, proximidade e união. Essa reconciliação da humanidade com Deus propicia um caminho de fraternidade universal e reconciliação com a própria Criação.

Os que acolhem, na fé, a salvação, recebem da parte de Deus a graça de serem renovados interiormente. Paulo mesmo atesta que, ainda que o ser humano exterior se corrompa, o homem interior “se renova dia a dia” (2 Cor 4,16).

O Catecismo da Igreja (n. 508) apresenta, ainda, o “fruto mais excelente da Redenção” – Virgem Maria, mãe do Filho de Deus. Preservada da mancha do pecado original, em vistas dos méritos de Seu Filho, ela permaneceu pura e imaculada ao longo da vida. Tornou-se, portanto, mãe da Igreja, mãe dos cristãos, mãe da humanidade redimida.



## NA PRÁTICA

Faça uma pesquisa na internet de imagens de Jesus crucificado. Procure, de forma especial, as imagens que retratam Jesus dentro de um contexto étnico específico – asiático, africano, latino-americano etc. O que essas imagens querem transmitir? Qual a intenção de retratar esse mistério dessa forma?

Em um segundo momento, procure ordenar as imagens ocidentais (europeias) de Jesus crucificados de forma histórica. Faça uma análise de como a compreensão do mistério da paixão e da morte de Jesus foi se desenvolvendo ao longo do tempo.

## FINALIZANDO

A morte e a ressurreição de Jesus constituem-se como núcleo fundamental da fé cristã. Não podemos falar em cristianismo sem estarmos completamente vinculados a esse Mistério, objeto das primeiras pregações e confissões de fé cristã, já registradas no Novo Testamento.

Vimos, ainda, como a morte de Jesus Cristo foi sendo entendida ao longo dos séculos, algumas vezes de forma deturpada. Porém, a compreensão foi sendo estabelecida sempre ligada à ressurreição. É a compreensão pós-pascal que dá sentido à entrega realizada por Jesus. É fundamental entender que a reflexão da fé que a teologia faz – e que alcança, evidentemente, a cristologia –, se estende aos mistérios mais elevados, sobretudo a morte de cruz e a ressurreição.

A teologia contemporânea procura, em diálogo com os mundos além da Europa, fazer a reflexão avançar. Os termos que utilizamos em contexto ocidental não são, necessariamente, compreendidos nas diversas culturas ou religiões. Há que se elaborar novos discursos, novas compreensões.

Jesus, em sua ressurreição, torna-se primícia de todos os seres humanos em relação aos seus destinos. O cuidado paterno do Pai em relação ao Filho se estende à toda humanidade, que deve passar pelo “vale da sombra da morte” e, confiadamente, entregar-se nas mãos de Deus.



## REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2015.

HOVLAND, T. **O novo paradigma da Teologia Africana**. 1993. Disponível em: <[periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/download/944/916](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/download/944/916)> . Acesso em: 19 jul. 2021.

HURTADO, M. Novas cristologias: ontem e hoje. Algumas tarefas da cristologia contemporânea. **Perspectiva teológica**, v. 40, n. 112, 2008.

JOÃO PAULO II. **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Edição típica Vaticana; Loyola, 2000.

KESSLER, H. Cristologia. In: SCHNEIDER, T. (Org.). **Manual de Dogmática**. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 1.

PAGOLA, J. A. **Jesus**: uma aproximação histórica. Petrópolis: Vozes, 2012.

VATICANO. **Documentos do Concílio Vaticano II**: Declaração *Nostra Aetate* (NA) sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.